

EDUCAÇÃO

e

TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

"EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA"
Propriedade: INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA

Director: João Bento Raimundo

Redacção: Rua Comandante Salvador do Nascimento
Telex. 211634/213082 . Fax 211690
6300 - GUARDA

Composição, Execução Gráfica e Impressão: Secção de Reprografia do IPG

Depósito legal nº 17. 981/87

REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL PROIBIDA

Nº VIII/Julho de 1991

Capa: *Novo Edifício dos Serviços Centrais do IPG*

UM SÍMBOLO DA EVOLUÇÃO

"(...) uma criatura só não presta quando deixou de ser inquieta."

Miguel Torga

"Educação e Tecnologia" é bem o símbolo da evolução registada no Instituto Politécnico da Guarda nestes últimos seis anos.

Esta Revista firmou-se e afirmou-se editorialmente, reuniu colaborações, projectou um espaço de diálogo cultural, pedagógico e científico, definiu horizontes precisos, concretos.

Hoje, *"Educação e Tecnologia"* é bem uma das múltiplas vertentes da Instituição de Ensino Superior onde é editada com a periodicidade estipulada desde a sua criação. Não cristaliza fórmulas e conteúdos, antes pelo contrário assimila e cria outras ideias e projectos, utiliza progressivamente novos meios e tecnologias colocados à sua disposição, do ponto de vista gráfico e técnico.

"Educação e Tecnologia" assume, naturalmente, um papel informativo mas dimensiona, igualmente, o seu, cada vez maior, impacto difusor de temáticas e ideias, rejuvenescendo em cada edição.

O presente número antecede a entrada em funcionamento do novo edifício dos Serviços Centrais do Instituto Politécnico e igualmente do Pólo de Seia do IPG. Se em termos de colaborações e participações a nossa Revista consolidou uma equipa, em termos de estruturas físicas encontra assim, doravante, uma nova e promissora realidade.

João Bento Raimundo
Presidente da C. I. do
Instituto Politécnico da Guarda

A UTILIZAÇÃO DO VÍDEO NA SALA DE AULA

Joaquim João Guadrado Gil *

Tradicionalmente, considerava-se como meio didático todo o instrumento, equipamento ou recurso material desde que utilizado com finalidades instrutivas.

A esse respeito, Rossi (1970) diz-nos que "qualquer tipo de recurso ou equipamento que seja normalmente utilizado para transmitir informação entre as pessoas", pode ser considerado como meio didático⁽¹⁾. Na mesma linha de pensamento, Fernandez, Sarramona e Tarín (1978) definem meios didáticos como "suporte material no qual se apresentam os conteúdos e sobre os quais se realizam diversas actividades" ⁽²⁾.

Assim, materiais, recursos e meios adquirem um carácter instrumental e passam a ser considerados como mais uma variável do processo educativo, dado que a sua utilização por parte de professores e alunos vai influenciar a eficácia do sistema. Para além disso, eles constituem também uma triplíce designação terminológica que é, por norma, usada indistintamente, embora certos autores estabeleçam entre eles algumas diferenças, nomeadamente quanto à sua amplitude ou quando pretendem estabelecer critérios para uma posterior classificação.

Nesta perspectiva, um meio é um mero elemento material, capaz de gerar estímulos ou traduzir informação e constitui parte integrante do processo ensino/aprendizagem. Ela salienta, acima de tudo, os aspectos técnicos que determinam as potencialidades da cada meio e não as suas características intrínsecas as quais os identificam como fonte de estímulos diferenciados de outros meios.

Mais recentemente, porém, as diversas definições de meio

* Professor-Adjunto da ESE

(1) Rossi, P.H. e Biddle, B.J.; *Los nuevos medios de comunicación en la enseñanza moderna*; Buenos Aires; 1970, (pág. 18).

(2) Fernandez, A.; Sarramona, J. e Tarín, L.; *Tecnología Didáctica*; Ediciones CEAC; Barcelona, 1978 (pág.171).

didáctico colocam a sua ênfase no facto de ele ser o suporte de um código, de um sistema simbólico ou de uma linguagem específica que vai permitir ao sujeito da aprendizagem oportunidades de interacção com uma determinada maneira de reflectir a realidade, de a organizar e de a representar ⁽³⁾ (Escudero Muñoz, 1983).

Do ponto de vista didáctico é esta especificidade codificadora, o sistema de símbolos com o qual um meio funciona, que representa a sua característica mais relevante.

Neste sentido, qualquer meio didáctico é constituído por uma dimensão semântica (referente ao conteúdo), uma dimensão sintáctico-estrutural (o seu modo de organização e sistema de símbolos) e uma dimensão pragmática que está relacionada com a função e/ou finalidades que estão inerentes à sua utilização.

É sobre esta dimensão pragmática do vídeo que hoje nos vamos debruçar. No entanto, antes de começar a falar propriamente das suas potencialidades, gostaria de salientar um princípio metodológico muito importante neste tipo de abordagem o qual se resume a que nenhum meio didáctico é melhor do que qualquer outro desde que este se adapte à situação real e concreta em que se desenvolve o processo educativo e contribua para alcançar os objectivos propostos.

O vídeo é, efectivamente, um dos meios de comunicação que mais potencialidades oferece ao processo de ensino/aprendizagem e é inegável que são muito diversificadas as funções que ele pode desempenhar numa sala de aulas.

Posto isto, por uma questão metodológica, vamos agrupar essas funções em quatro:

1. O vídeo como meio didáctico
2. O vídeo como meio de formação de professores
3. O vídeo como meio de expressão
4. O vídeo como meio de investigação.

1. O VÍDEO COMO MEIO DIDÁCTICO

Nesta perspectiva, o vídeo apresenta uma grande diversidade de funções das quais vamos destacar: a função motivadora, a função informativa/instrutiva e a função de recapitulação.

a) Função motivadora — trata-se, essencialmente, da utilização do vídeo para captar a atenção dos alunos que, através, por exemplo, de uma abordagem geral de um tema, os prepara para uma melhor compreensão do assunto que se vai seguir.

A imagem, pela sua própria natureza, comunica de uma maneira mais imediata, mais primitiva e mais emotiva que

(3) Escudero Muñoz, J. M.; *La Investigación sobre Medios de Enseñanza: Revisión y Perspectivas Actuales*; Revista Enseñanza, nº 1, 1983 (pág. 87-119).

outros códigos normalmente utilizados no processo de ensino/aprendizagem, nomeadamente o escrito. Assim, em relação com outros meios que igualmente podem ser utilizados com esta função, o vídeo apresenta a vantagem da grande diversidade de programas que se podem utilizar, desde programas específicos sobre o assunto, a programas gravados directamente de emissões normais da televisão, ou mesmo programas realizados na própria escola. O fundamental é que o tema tenha actualidade e interesse para os alunos e o meio escolhido seja adequado à situação.

b) Função informativa/instrutiva — para além de transmitir informação, o vídeo proporciona instrumentos tendentes à organização do conhecimento e desenvolvimento de capacidades, permitindo o relacionamento da informação recém-adquirida com outra já existente, desenvolvendo, assim, novos conceitos e conhecimentos.

O tema a tratar pode ser, total ou parcialmente, apresentado através do vídeo, dependendo muito dos critérios de selecção do professor e da gama de recursos que este tiver à sua disposição.

Frequentemente, ele é usado como um complemento da informação transmitida por outros meios, nomeadamente, meios impressos.

c) Função de recapitulação — apresentar de uma maneira diferente, breve e teoricamente mais atraente, os aspectos mais significativos de um tema já anteriormente tratado, pode levar a que os conceitos fundamentais se fixem com mais facilidade e consistência. Também aqui, o vídeo tem um papel importante a desempenhar.

2. O VÍDEO COMO MEIO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Através da exploração das suas capacidades de "feedback" imediato, o vídeo tem servido de suporte a experiências de micro-ensino e/ou a experiências isoladas de observação e análise crítica de aulas. Tanto quanto é do nosso conhecimento, no nosso País não tem sido feita uma utilização sistemática do vídeo nesta perspectiva e as poucas experiências conhecidas apresentam objectivos, metodologias e resultados muito diversificados. Contudo, longe de diminuírem as suas capacidades, estes resultados só vêm confirmar as múltiplas aplicações que se podem fazer do vídeo neste campo específico.

Ultimamente, com a entrada em funcionamento da Universidade Aberta, o vídeo tem desempenhado um papel de relevo em todo o processo, nomeadamente no apoio prestado aos professores em formação nos Centros de Apoio que aquela instituição tem espalhados por todo o País. É, no entanto, ainda

muito cedo para se fazer uma análise crítica profunda desta experiência.

3. O VÍDEO COMO MEIO DE EXPRESSÃO

Desde a sua origem o Homem sentiu a necessidade de comunicar com os seus semelhantes e, talvez fruto dessa necessidade e não por meros critérios estéticos, a comunicação por meio da imagem existiu ainda muito antes da invenção da escrita. Mesmo com o aparecimento desta e a sua fulgurante divulgação através da imprensa, a imagem como meio de comunicação não viu diminuídas as suas potencialidades mas, antes pelo contrário, consolidou a sua posição.

Hoje, a imagem é uma linguagem de frequente utilização na vida do dia-a-dia quer no seu aspecto mais puro — mensagens icónicas — quer em combinação com o texto escrito — mensagens verbo-icónicas — e o seu poder a nível didáctico está bem patenteado nas diversas investigações levadas a cabo sobre esta problemática.

Através dos diversos mass-media e nomeadamente da televisão, somos "bombardeados" com informação em que o "poder mágico" da imagem é uma constante. Ora, enquanto a sociedade vive imersa nessa tempestade constante de imagens, a quem alguém já chamou "iconosfera", não faz sentido que a Escola continue de costas voltadas para essa realidade, não perseguindo um dos objectivos fundamentais do sistema que é o de formar esteticamente os seus alunos, ensinando-os a "ler" e a expressar-se nessa linguagem, isto é, a apreciar a beleza e a saber comunicar através dela.

Face a esta realidade, é necessário e urgente que exista na Escola uma nova pedagogia, a pedagogia da imagem, visando a preparação dos nossos alunos para esta "nova" forma de comunicação. Assim, eles estarão em condições de usufruir de um recurso de grande utilidade educativa e, simultaneamente, preparados para deixar de ser leitores e/ou espectadores passivos e seres indefesos perante a poderosa influência dos mass-media, e passarão a ser leitores críticos dessa mesma informação. Ultrapassada esta fase que designamos de descodificação e que consiste no conhecimento dos princípios e critérios que estão subjacentes a uma mensagem verbo-icónica, teoricamente, eles estarão também preparados para passar à fase seguinte, a da codificação, que não é mais do que a utilização correcta deste "novo" meio de expressão.

O vídeo, graças às suas características técnicas e ao seu baixo custo (se comparado com o filme, por exemplo), é o meio que melhor pode desempenhar esta função. No entanto, mais uma vez se levanta o problema de que qualquer meio, só por si, não pode ser

considerado como uma panaceia que vá resolver todos os males. Assim, também o vídeo, só por si, será impotente para dar resposta a esta situação. O domínio do código da imagem não é uma aprendizagem espontânea, tal como também não o é o domínio do código linguístico. Por isso é imprescindível educar os nossos alunos na imagem e para a imagem.

4. O VÍDEO COMO MEIO DE INVESTIGAÇÃO

O vídeo possui características próprias que, bem utilizadas, podem ser um óptimo auxiliar nos processos de investigação desenvolvidos quer por professores e/ou investigadores quer pelos próprios alunos.

Permite a gravação das mais diversas situações relacionadas com o processo de ensino/aprendizagem, facilitando, assim, uma análise cuidada das mesmas tendo em vista os objectivos específicos de cada investigação; constitui o suporte ideal para a observação do desenvolvimento de processos de ordem física, social, cultural, etc.; é um fiel, prático e cómodo arquivo documental. Enfim, as suas potencialidades neste domínio são tantas que, aparentemente, os seus limites se confinam à criatividade e imaginação humanas.

Em jeito de conclusão poderemos dizer que o vídeo é um auxiliar eficaz no processo de ensino/aprendizagem, mas requer da parte do professor um conhecimento mínimo das suas características técnicas para assim as poder transformar em aplicações pedagógicas, adequando-as às capacidades dos alunos, aos objectivos e aos conteúdos. No que diz respeito aos alunos, permite-lhes, essencialmente, uma aproximação mais directa à realidade, a realização de trabalhos autónomos e/ou colectivos e o aprender a dominar um código de comunicação muito usado na nossa sociedade.

